



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA – UniCEUB
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS – FASA
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
HABILITAÇÃO EM JORNALISMO
DISCIPLINA: MONOGRAFIA
PROFESSOR ORIENTADOR: BETO ROCHA
ÁREA: COMUNICAÇÃO

TATUAGEM COMO FORMA DE COMUNICAÇÃO: UMA EXPRESSÃO CORPORAL

RAFAELA CRISTINNE DE ANDRADE DE MELO
2036371/0

BRASÍLIA, MAIO DE 2007.

RAFAELA CRISTINNE DE ANDRADE DE MELO

**TATUAGEM COMO FORMA DE
COMUNICAÇÃO:
UMA EXPRESSÃO CORPORAL**

Trabalho apresentado à Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas, como requisito parcial para a obtenção ao grau de Bacharel em Comunicação Social, no curso de Jornalismo do UniCEUB – Centro Universitário de Brasília.

Professor Ms. Alexandre Humberto G. Rocha.

BRASÍLIA, MAIO DE 2007.

RAFAELA CRISTINNE DE ANDRADE DE MELO

**TATUAGEM COMO FORMA DE
COMUNICAÇÃO:
UMA EXPRESSÃO CORPORAL**

Trabalho apresentado à Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas, como requisito parcial para a obtenção ao grau de Bacharel em Comunicação Social, no curso de Jornalismo do UniCEUB – Centro Universitário de Brasília.

Banca Examinadora

Professor Ms. Alexandre Humberto G. Rocha.
Orientador

Professor Ms. Severino Francisco
Examinador

Convidado Graduado: Marcelo Moura
Examinador

BRASÍLIA, MAIO DE 2007.

“Quero ficar no teu corpo feito tatuagem
Que é pra te dar coragem
Pra seguir viagem
Quando a noite vem [...]”.
(TATUAGEM, Chico Buarque de
Holanda).

Resumo

A tatuagem é uma forma de linguagem, um meio de comunicação pelo qual é possível expressar a identidade do indivíduo. Com o passar do tempo, a tatuagem foi ganhando novos significados e interpretações, variando de acordo com cada cultura. Com a diversidade cultural e a maneira que o homem se relaciona com seu próprio corpo, criou-se um mundo que varia do real ao imaginário, cujas modificações do corpo vêm adquirindo novos valores. Por meio dos símbolos marcados nos corpos, é possível analisar - mesmo que estereótipadamente - a personalidade do indivíduo. E é a partir da observação dos signos que é estabelecido uma interpretação, mesmo que equivocada perante o real sentido. Sinônimo de diferenciação, a tatuagem é um mecanismo de informação, mesmo que inconsciente, pois o desenho pode revelar algo omitido, ou que se torna explícito, variando conforme a percepção do interpretante. Cada símbolo tem um significado, seja ele pessoal ou social, onde se definem as “tribos” às quais o tatuado pertence, mesmo que este acredite não pertencer a nenhum grupo definido.

Palavras-chave: Tatuagem, comunicação corporal, *body modification*.

Sumário

Introdução	06
1. Tema	08
2. Sub-tema	08
3. Desenvolvimento	08
3.1 A história e seus significados.....	08
3.2 Comunicação através do corpo	11
3.3 A tatuagem e a moda.....	15
3.4 Consciente x Inconsciente	18
3.5 Metodologia	20
3.6 Análise	21
4. Conclusão	29
5. Referências Bibliográficas	30

Introdução

O corpo é uma forma de expressão individual e representa os valores comuns à vida em sociedade em diferentes formas, no tempo e no espaço. Por meio do corpo, é possível fazer uma análise de elementos sociais e históricos, já que este foi um dos primeiros instrumentos utilizados pelo homem para expressar um significado.

As diferenças e variações diante do contexto social e pessoal são os principais pontos a serem abordados, representando assim, uma expressão da identidade por meio de símbolos e significados.

Cada cultura, em cada região do planeta, utiliza a tatuagem de um modo significativo para seu contexto social, mesmo que os conceitos se modifiquem com o passar do tempo, alterando os valores históricos.

Em alguns casos, as culturas se difundem, sendo adaptadas aos conceitos sociais que a cercam e, adquirindo assim, novos valores.

Independente de seus significados reais, a intenção é mostrar como a tatuagem pode representar um meio de comunicação através do corpo, uma forma de expressão particular. Uma identidade visualmente estabelecida para quem quer transmitir uma mensagem e para quem almeja interpretá-la.

Segundo Peirce (2000, pág. 64), “a única maneira de comunicar diretamente uma idéia é através de um ícone; e todo método de comunicação indireta de uma idéia deve depender, para ser estabelecido, do uso de um ícone”.

Mesmo em uma única cidade, é possível registrar uma multiplicidade de expressões. As “tribos” se distinguem pelo modo de agir, pensar e se expressar, e, com a tatuagem, não é diferente. Os desenhos podem expressar a personalidade da pessoa. Mostrar, mesmo que inconscientemente, um desejo explícito ou omitido.

Por ser um tema pouco explorado, o fato de ter tatuagem abordam questões que deixam dúvida quanto ao estereótipo da pessoa tatuada, o preconceito e o modismo. Um pré-julgamento, na maioria das vezes, negativo, que pode ser alterado conforme os conceitos adquiridos em relação ao desenho e a pessoa que o ostenta. “Para isto usamos nossa capacidade cerebral de fazer interpretações e reconhecimento com base em pistas sensoriais de informações”. (SILVA E VIEIRA, 1999, p. 164).

Nada mais que um desenho na pele, a tatuagem mostra como o homem desenvolveu, em cada região do planeta, um conceito referente a essa prática. Modificações corporais que ganham cada vez mais adeptos.

1. Tema: Tatuagem como forma de comunicação.

2. Sub-tema: Uma expressão corporal.

3. Desenvolvimento

3.1 A história e seus significados

Em cada região do mundo, a tatuagem tem um significado diferente, seja ele religioso, por estatuto social ou até mesmo por vaidade. Segundo Araújo (2006, p. 07), “em todas as épocas e lugares do mundo o homem usa o corpo como linguagem”.

Considerada uma prática milenar, há indícios que a tatuagem é usada para marcar os corpos desde os tempos da pré-história. Para os homens das cavernas, as cicatrizes eram representações de coragem, e marcavam momentos da vida biológica ou social (nascimento, adolescência, rito de tornar-se guerreiro, casamento etc.).

Para Santaella (2004), a troca de informação com o ambiente circundante é uma interação que o corpo tem com o mundo, entre o existente e o projetado.

Algumas múmias, com sinais parecidos com tatuagens, foram encontradas no Vale do Rio Nilo, e são provas arqueológicas de que tatuagens foram feitas no Egito, entre os anos 4000 e 2000 antes de Cristo. Segundo especialistas, eram corpos de prisioneiros, marcados para não fugirem.

No Egito, a tatuagem tinha significado religioso. Múmias com aproximadamente cinco mil anos de idade foram encontradas com diversas marcas por todo corpo. Amunet, a sacerdotisa mais importante, tinha como símbolo de fertilidade e longevidade, traços e pontos gravados nas pernas, colo e braços.

Os primeiros cristãos, por exemplo, usavam a tatuagem como forma de identificação. Alguns dos principais símbolos eram: a cruz, JHS (sigla do nome de Jesus), letras gregas, peixes etc. Já na Idade Média a tatuagem passou a ser considerada demoníaca e foi banida na Europa. Qualquer cicatriz, má formação ou desenho na pele eram considerados a “moradia do Cão”.

Para os Samoanos, povos isolados da Polinésia, o fato de pintar o corpo assinalava a passagem da infância para a maioridade. O membro da tribo que não fosse marcado, não teria voz numa roda de adultos nem a permissão de ter uma

esposa. Quanto mais tatuado o Samoano fosse, mais alto era seu estatuto na tribo, pois a tatuagem funcionava como instrumento de ascensão social.

[...] Assim, no real do corpo, as marcas, tatuagens e circuncisões, significavam a aliança com os espíritos ou com o divino e “a transição para a vida adulta era assinalada por um ritual, normalmente doloroso e bastante cruel, que tinha como objetivo moldar as pessoas como pertencentes a uma tribo, grupo ou linhagem”. (VILLAÇA E GÓES, 1998, p. 144 apud SANTAELLA, 2004 p. 150).

Considerada uma forma de punição, houve uma época, no Japão feudal, que a tatuagem era sinônimo de criminalidade. Foi quando surgiu a máfia japonesa chamada de Yakuza, na qual os membros pertencentes eram tatuados como sinal de lealdade.

Antes mesmo da colonização da América, a tatuagem era praticada nas tribos indígenas dos Estados Unidos, nas civilizações maias e astecas. Para os índios Sioux, a tatuagem tinha significado mágico e religioso, pois se acreditava que após a morte, viria uma divindade que exigiria ver as tatuagens, para só então liberar a passagem para o paraíso.

Para intimidar invasores, os bretões, povo bárbaro que habitava a região da atual Grã-Bretanha, pintava os rostos com várias cores. Na questão da pluralidade, Santaella (2004), argumenta que a comunicação é feita através da singularidade e do caráter cumulativo, por meio de uma interação com os outros em um contexto cultural e lingüístico.

Em 1661, Willian Dampier, um pirata e explorador dos mares, levou à Londres um nativo dos mares do sul que tinha o corpo todo tatuado. Giolo, O Príncipe Pintado, ficou conhecido na cidade por fazer exposições em praças, mercados e circos.

No Império Romano os escravos eram tatuados; no século XVIII, na França, os criminosos tinham na pele o registro do crime cometido marcados por pintura ou por ferro quente.

Como sinal de valentia, prostitutas, piratas e marinheiros também se tatuavam para marcar seus grupos sociais. Sereias, caravelas, mulheres, âncoras e sinais patrióticos eram os desenhos escolhidos entre os marinheiros. Araújo (2006) relata que muitos marinheiros se arrependiam de suas tatuagens ao voltar para casa. Já

no caso das prostitutas, era comum terem a marca de seus cafetões como atestado de propriedade.

No século XIX, a técnica de fazer tatuagens era feita por amadores, que se encontravam a bordo dos navios, em grandes portos. A partir do século XX, a tatuagem tornou-se popular e passou a contar com tatuadores profissionais.

Na Inglaterra, no início do século XX, a polícia tatuava os detentos com as iniciais BC, que significava Bad Character.

Quando a Primeira Guerra Mundial estourou, em 1914, Franz Kafka escreveu a novela *Na colônia penal* (publicada só em 1919), onde ele descrevia com precisão um aparelho de tortura que tatuava o indivíduo como forma de identificá-lo pelo crime cometido.

Na Segunda Guerra Mundial (1939 a 1944), o nazismo, doutrina que pregava a suposta superioridade ariana, tatuava um número no antebraço dos prisioneiros que chegavam aos campos de concentração. A função dessa tatuagem era identificá-lo a si mesmo e aos outros, como quem pertence a escória social.

Em 1959, a tatuagem elétrica chegou ao Brasil pelo dinamarquês “Knud Harld Likke Gregersen”, mais conhecido como “Lucky Tattoo”. Ele se estabeleceu em Santos-SP, onde logo ficou conhecido por dizer que suas tatuagens traziam sorte.

James Cook, um navegador inglês do século XVIII, foi considerado o pai da palavra “tattoo”, que muitos dizem ter se originado do barulho produzido pela execução da tatuagem, que na época, era feita com ossos de peixe, finos como agulhas, e uma espécie de martelinho, para que a tinta pudesse ser introduzida na pele.

3.2 Comunicação através do corpo

Assim como a linguagem verbal, para que a comunicação corporal seja entendida basta ter um emissor e um receptor.

Segundo Maffesoli (1999), o corpo produz comunicação porque está presente no espaço. É por meio do corpo que podemos nos comunicar, de diversas maneiras.

A tatuagem é um ícone que reproduz não apenas os signos, mas uma forma de comunicação direta e indireta.

Maria Luíza Aparecida Curti, psicóloga clínica, escreveu um artigo no site Domínio Feminino, em 12 de abril de 2002, onde fala que:

Penso que a tatuagem, seja ela qual for, encerra mensagens e quem a “comete”, a faz para o outro. Se fosse para si mesmo, ninguém a faria nas costas, no pescoço ou em qualquer outro lugar onde ela própria não pudesse ver, porém, se está apenas transmitindo mensagens, não há necessidade de enxergá-la.

A tatuagem, por ser um signo, uma forma de comunicação muitas vezes inconsciente, permite que o desenho tatuado seja um símbolo codificado. Uma espécie de segredo visível. “Essa visibilidade pode ser destinada a qualquer pessoa ou às pessoas eleitas por ele, dependendo da região do corpo que foi manipulada”. (Pires, 2005, pág. 130).

Presidiários, de todos os lugares, se tatuam para definir a qual grupo criminal pertence. Geralmente, as marcas são feitas de forma precária, com pregos e pontas de caneta. Quando o detento é condenado por estupro ou crimes contra o costume, na maioria das vezes são tatuados à força.

Nas penitenciárias, há tatuagens que funcionam como código entre os próprios detentos. De acordo com o desenho, é possível saber se o detento é perigoso, digno de confiança ou homossexual.

No livro Estação Carandiru, o autor Drauzio Varella cita o significado de algumas tatuagens, segundo o relato dos presidiários. Abaixo segue alguns exemplos:

Sereias, flores, borboletas = homossexuais;

Cobra = traidor;

Signo de Salomão = líderes de quadrilha;

Pênis nas costas = estupradores;

Pintas e cruzes nos dedos, em determinado número e posição = ladrões e assassinos;

Punhal cravado no cérebro ou três sepulturas, imagem de Nossa Senhora Aparecida e a cruz de carvalho = preso confiável, não-delator, nem mesmo sob tortura.

“O indivíduo que a adquire transfere para ela a memória de um fato ou de uma situação. A lembrança, que antes habitava na memória ou em determinados objetos externos ao corpo, agora é incrustada na pele”. (PIRES, 2005, p. 89).

Para João do Rio (1997), a tatuagem é olhada com desconfiança pela sociedade, já que esta obedece a corrente das modernas idéias criminalistas.

A aparência física do indivíduo (estereótipo) pode nos levar a uma dedução do comportamento do mesmo. “É por isso que nos acostumamos a fazer mudanças freqüentes de julgamentos. As emoções antecipam-nos conclusões apressadas, mas, de pouca precisão, por isto, frequentemente, efêmeras e sujeitas a revisões”. (FACURE in SILVA E VIEIRA, 1999, pag. 163).

Para Peirce (2000), a dedução é um argumento compulsório, que nos leva a afirmar positivamente a conclusão e a admiti-la como representação de um fato, mesmo que este constitua um *Ícone*. Ao olhar uma tatuagem com um desenho de uma Santa, deduzimos que a pessoa tatuada seja religiosa, mas, se o desenho for de um monstro ou algo sombrio, logo podemos deduzir que a pessoa seja agressiva.

Apesar de todo o julgamento social, a tatuagem define - através da imagem - a personalidade do portador da marca. As características pessoais e o gosto individual refletem a individualidade e a necessidade de se diferenciar. (LEITÃO, 2003).

No sentido psicológico, os períodos estéticos criam valores idênticos em relação à comunicação da imagem. O hábito de alterar o corpo tornou-se um padrão estético comum em diversas culturas.

A prática da *body modification* é um conceito que define a valorização do corpo como imagem.

[...] O que está em jogo é detectar que corpos buscam identificação, ou se fabricam via piercing, tatuagem ou escarificações para se diferenciar dos outros grupos da sociedade. [...] Ainda que corpos queimados, lacerados, tatuados e perfurados tenha como objetivo comum a busca de uma imagem individual modificada que o distinga do corpo padrão (standart),

do corpo dado, cada uma dessas formas de modificação tem sua especificidade". (GÓES in VILLAÇA, GÓES E KOSOVSKI, 1999 p. 38).

A insatisfação com a aparência dentro das culturas exóticas leva o homem ao auto-embelezamento, usando a tatuagem como um fator de diferenciação.

Goldenberg e Ramos (2002) dizem que no Brasil as pessoas não são o que imaginam ser, mas o que os outros vêem que elas são.

Utilizando o Rio de Janeiro como exemplo, Freitas (in VILLAÇA, GÓES E KOSOVSKI, 1999) observa que a comunicação dos dias de hoje favorece a vaidade convulsiva, a adoração pela imagem.

Para Tucherman (in VILLAÇA, GÓES E KOSOVSKI, 1999):

O corpo sustenta como matéria a produção dos processos de identificação a partir de suas evidentes marcas visuais que expõem a identidade do sujeito consigo próprio, com a sociedade e com o grupo do qual participa e pelo qual quer ser acolhido e reconhecido. Mas o corpo é também o limite que separa o sujeito ou o indivíduo do mundo e do outro, lugar de onde se pode determinar a alteridade. (VILLAÇA, GÓES E KOSOVSKI, 1999 p. 152).

A prática de tatuar-se implica numa estética que envolve diversos valores dentro dos conceitos sociais. A escolha do desenho e do local tatuado pode mostrar não apenas uma autonomia do indivíduo, mas também uma representação para o qual o mesmo queira comunicar através do signo. Esse cuidado com o corpo envolve não somente o desenho, mas também um o jogo de sedução (LEITÃO, 2003).

É por meio do corpo que percebemos e fortalecemos nossa identidade. Através da imagem captada, é possível analisar a relação do indivíduo com o mundo externo. É o reflexo da relação corpo-cultura, e a tatuagem é aplicada como uma linguagem codificada, cujo significado varia conforme o contexto social no qual o indivíduo esteja inserido.

Essa vontade de tornar-se diferente e ao mesmo tempo igual é uma questão que sempre atormentou o homem. Ao mesmo tempo em que este quer ser reconhecido pela singularidade, quer também sentir-se inserido em um grupo social por meio de semelhanças.

É como se para existir, a identidade do indivíduo tivesse obrigatoriamente que estar visível aos outros. (PIRES, 2005).

A caveira, por exemplo, é um dos desenhos mais difundidos pela técnica da tatuagem. No entanto, é a imagem que significa “deixar visível” o que todos têm em comum.

Na concepção religiosa, a imagem do corpo era considerada algo sagrado, e ao se desprender dessa concepção, o corpo foi encontrando na arte uma valorização de forma privilegiada de registro, como esculturas, pinturas etc.

“[...] Mesmo dentro da medicina e da biologia, que eram tradicionalmente seus redutos mais legítimos, a questão do corpo deixou de ser pacífica para se transformar em um problema com implicações legais, éticas e até mesmo antropológicas”. (SANTAELLA, 2004, p. 27).

Pelo fato do corpo ser um meio de comunicação, a mídia estimula a singularidade através de suas publicidades, não só em relação à tatuagem, mas em toda a prática de *body modification*, como cirurgia plástica, química de esteróides, *piercing* etc.

Maffesoli (1999, pg. 56), diz que “o burguesismo é essencialmente distintivo, tem por valor último o indivíduo e suas particularidades. Por outro lado, a cultura alternativa é uma cultura de grupo [...]”.

Para as pessoas que se tatuam, o desenho pode representar um protesto, uma forma de patriotismo, um símbolo de amizade, de amor ou até mesmo uma crença ou proteção mágica. Há ainda os que registram sonhos, lembranças, idéias, datas, etc.

Segundo Araújo (2006), nas sociedades tradicionais, não só as tatuagens como os *piercings* e outros adornos do corpo são como uma “carteira de identidade”. Só de olhar, é possível reconhecer a característica de um povo e o nível hierárquico da tribo ou clã no qual pertence.

3.3 A tatuagem e a moda

As mudanças no corpo refletem o desejo de participar de um conjunto social, de estar inserido num grupo com o qual o sujeito se identifique.

Com o passar do tempo, a tatuagem ganhou cada vez mais adeptos, sendo considerada então, uma “obra-de-arte”.

Apesar de ainda existir preconceito, a tatuagem tornou-se sinônimo de moda.

A psicóloga clínica Maria Luíza Aparecida Curti, escreveu no site Domínio Feminino, de 12 de abril de 2002, que:

“Nós não possuímos uma cultura de tatuagens para expressar religiosidade, bravura ou status do cidadão, mas a moda de ostentar a tatuagem como adorno está em alta, apesar do preconceito e sua aplicação ser extremamente dolorosa”.

Segundo Pires (2005), na nossa sociedade as pessoas se tatuam por meio de uma iniciativa pessoal, e não social. Apesar da sociedade não impor esse tipo de atitude, o indivíduo a adquire quando se sente preparado para possuí-la.

Le Breton (2003) fala das mudanças dos significados das tatuagens e da permanente vontade de singularidade, bem como dos significados culturais e íntimos das marcas, que nem sempre são bem vistos, por falta de conhecimento. Porém, hoje o preconceito tem diminuído, uma vez que a tatuagem tornou-se uma prática comum, principalmente entre os jovens.

É por meio da moda que o indivíduo se iguala e se diferencia visivelmente dos demais. São constantes “as mudanças no gosto pessoal, na forma de se identificar e ser identificado”. (PIRES, 2005, pág. 50).

Cada cultura analisa a tatuagem segundo seu contexto social, e em muitos casos, esses costumes são transmitidos a outros povos, que adaptam esses mitos às suas necessidades e desejos.

Em nossa sociedade, onde a aparência influencia, a tatuagem tornou-se uma estética muito procurada, principalmente entre os jovens.

Leitão (2003) define três aspectos em relação à imagem dos tatuados, por meio de uma pesquisa. O primeiro é de que a tatuagem está inserida no universo feminino como um cuidado com o corpo. O segundo se refere ao autocontrole e a

autonomia sobre a anatomia. E o terceiro, o valor da singularidade, da subjetividade e das diferenças.

Segundo Lacan, o homem tem uma relação problemática com sua imagem, levando-o a retocar seu corpo de múltiplas maneiras: por deformações, por mutilações, por tatuagens, por escarificações, por maquiagem, por vestimentas, por cirurgias plásticas etc. (VILLAÇA, GÓES E KOSOVSKI, 1999, p. 09).

Goldenberg e Ramos (2002) analisaram o Rio de Janeiro e a relação da sociedade com o corpo, e notaram que o padrão estético que valoriza a aparência é definido pela moda e pela mídia.

“[...] O Rio de Janeiro é um ótimo exemplo de cidade onde o corpo é argumento básico nos processos de comunicação; seu papel é fundamental nas mensagens, com ou sem roupa”. (FREITAS in VILLAÇA, GÓES E KOSOVSKI, 1999, p. 123).

De acordo com Villaça, Góes e Kosovski (1999), transformar ou alterar o corpo é um hábito cultural comum, determinado por um grupo social que estabelece um padrão estético.

Além de a tatuagem ser um fator diferenciador, há também uma diferença entre os desenhos tatuados.

Os marinheiros, por serem os divulgadores dessa prática por todo o mundo, têm os desenhos conhecidos como TRADICIONAIS, que são âncora, sereias ou gaivotas.

A prática do TEBORI, técnica oriental que utiliza bambu para tatuar, é mais dolorosa que a utilizada com agulhas, porém, os desenhos são ricos em detalhes.

Outro tipo de tatuagem dolorosa é a técnica da BRANDING, pois é marcada a ferro e fogo.

A tatuagem conhecida como ORIENTAL tem como principal desenho gueixas, dragões e samurais. Geralmente, os corpos são trabalhados com desenhos grandes, transformados em painéis.

Os desenhos que imitam o mundo real, como pássaros, mulheres, personalidades, são conhecidos como REALISTAS. Já as RELIGIOSAS, são desenhos de personagens bíblicos, como um santo, uma cruz etc.

A tatuagem CELTA tem como origem os desenhos entrelaçados, sendo preto ou colorido. E a TRIBAL são desenhos relativos às tribos que marcavam seus corpos (maias, astecas, etc.).

Tatuagens conhecidas como PSICODÉLICAS são aquelas muito coloridas com desenhos considerados malucos. Já a PRETO E BRANCO são desenhos sombreados, sem cor.

As BOLD LINE são desenhos engraçados, com traços largos e cores berrantes, parecidos com a NEW SCHOOL, que realçam o estilo de cada artista, destacando-se por não ter barreiras geométricas.

Por fim, as tatuagens com desenhos FEMININOS, como fadas, estrelas, golfinhos, todos muito pequenos.

Em determinadas épocas, há tipos de tatuagens que são mais procurados, definindo assim o desenho da moda. Só que diferentemente das roupas, a tatuagem permanece no corpo, estabelecendo uma marca que não pode ser trocada tão facilmente.

Em alguns casos, pode-se fazer a “cobertura” de uma tatuagem, que é quando um desenho é feito sobre outro, não mais desejado. Porém, nem todas as tatuagens podem ser cobertas. Há fatores que podem influenciar, como: a cor da tinta que está sob a pele, o desenho que será aplicado, as cores utilizadas, entre outros.

3.4 Consciente x Inconsciente

Sigmund Freud, em seu livro *A interpretação dos Sonhos*, faz uma análise da alma – do consciente/inconsciente.

A escolha dos adornos, que são os componentes concretos dessa linguagem, tem origem nos elementos resgatados do inconsciente e transformados, através de uma cadeia associativa, nas imagens ou formas escolhidas pelo indivíduo para serem aplicadas a seu corpo. O fato de que o real significado dessas intervenções só seja totalmente conhecido pelo indivíduo que as possui, cria, assim como nos sonhos, uma linguagem codificada”. (PIRES, 2005, p. 60 e 61).

Conforme os significados pessoais e sociais que a tatuagem possa ter, foi criada em Milão, na Itália, a disciplina Psicologia da Tatuagem, no curso de Psicologia.

A disciplina tenta investigar o inconsciente dos tatuados, definindo assim, seus desenhos e significados.

Os italianos, por exemplo, tem preferência pelo desenho do dragão, que segundo a disciplina, remete à criação e testemunha o desejo de auto-afirmação.

Além disso, o local do corpo a ser tatuado também tem registros.

Tatuagem no braço significa um lento processo de maturação. Nas pernas, sinônimo de pessoas infantis e pouco reflexivas. No tronco, capacidade de decidir.

Estudos de psicologia feitos nas universidades italianas La Sapienza, em Roma, e Católica, em Milão, definem os significados dos desenhos mais comuns como:

Escorpião: escolhido por pessoas racionais, mas destrutivas, quando contrariadas.

Ideograma japonês: representa índole refinada, bom-gosto estético e fidelidade no amor.

Coração em chamas: típico de quem considera o outro como propriedade privada.

Tubarão: opção de pessoas curiosas e solidárias.

Dragão: desejo de auto-afirmação.

Tribais: pessoas que precisam diferenciar-se.

Lagartixa: remete ao desejo de autocontrole e contenção dos sentimentos.

“Assim, pode-se imaginar que cada fragmento é um significante e contém o mundo na sua totalidade. É esta a lição essencial da forma. É isto que faz da frívola

aparência um elemento de escolha para compreender um conjunto social". (MAFFESOLI, 1999, pg.141).

Mesmo que a pessoa não saiba o motivo do símbolo escolhido, sempre há uma identificação com o ícone. É uma forma inconsciente de mostrar aos outros um gosto pessoal.

3.5 Metodologia

Para adquirir embasamento teórico, o tema foi pesquisado em bibliografias específicas e complementares. As mesmas tiveram foco na semiótica e na psicologia para dar suporte ao assunto estabelecido. Referências eletrônicas e análise de artigos foram base para estrutura do tema e seu desenvolvimento.

Foi delimitada uma quantidade específica de entrevistados, em diversos locais da cidade, para estruturar o trabalho de campo. Foram entrevistadas trinta pessoas tatuadas, sendo quinze homens e quinze mulheres.

As entrevistas foram gravadas e editadas em trechos para que pudessem ser analisadas junto à imagem a qual se referem.

Dois tatuadores experientes analisaram os argumentos junto às imagens e comentaram o assunto com base nas questões teóricas e cotidianas. Os mesmos tiveram acesso a todo o conteúdo gravado.

Diante de todo o conteúdo catalogado, foram escolhidas oito tatuagens para serem aplicadas, sendo quatro de cada sexo.

3.6 Análise

Figura 1



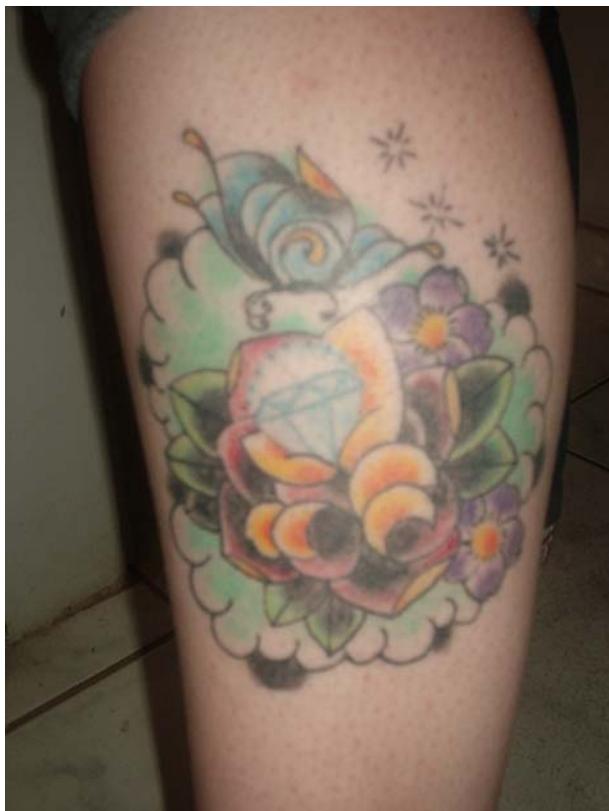
Nome: Brunna Raquel.

Idade: 19 anos.

“Eu queria tatuar uma fada, mas não sabia exatamente como seria o desenho, então me lembrei da minha irmã mais velha e resolvi fazer uma homenagem a ela, já que o corpo e o jeito foram inspirados nela. Até as cores eu quis que fossem as preferidas dela, para quando eu olhasse o desenho me lembrasse imediatamente dela”.

Para o tatuador profissional Wesley Snipes, a escolha da fada representa a imagem que ela tem da irmã, como uma pessoa bonita e bondosa. “Na nossa sociedade a fada é um ser do bem, mas não passa de imaginação. Ela poderia ter feito uma mulher sem asas, por exemplo, mas preferiu retribuir as qualidades da irmã a esse ser imaginário. Ela escolheu o desenho de forma consciente, já pensando na irmã, mas de forma inconsciente imaginou ela como uma fada, um ser inexistente”, diz ele.

Figura 2



Nome: Anna Gabriella.

Idade: 16 anos.

“Escolhi o desenho pensando em alguma coisa que pudesse me diferenciar dos outros e ao mesmo tempo fosse representativo para mim. Apesar de não parecer, fiz com a intenção de demonstrar o amor que tenho por minha mãe. O diamante, que é acolhido pela rosa, representa minha mãe, uma pessoa muito valiosa em minha vida. Já a borboleta não tem um motivo aparente, foi apenas um complemento do desenho, pois achei que combinasse por ser algo delicado”.

“Ao escolher o desenho ela demonstrou um gosto pessoal e atribuiu a esse gosto uma reprodução do afeto pela mãe. Apesar de ser uma homenagem a uma pessoa querida, não está evidente a mensagem que ela quer transmitir. É possível deduzir que se trata de alguém muito especial, representado pelo diamante, mas não tem como identificar quem”. (Rafael, tatuador profissional).

Figura 3



Nome: Carmem Rocha.

Idade: 42 anos.

“Escolhi a águia por ser uma ave que voa alto, enxerga longe e tem a capacidade de caçar seus alimentos com muita velocidade. Uma predadora admirável. Identifico-me com ela porque quando chega os 40 anos a águia passa por um processo de renascimento. Um processo doloroso, em que ela tem que trocar o bico, as unhas, as penas, mas que é necessário pra sua sobrevivência. Sinto-me nesse constante processo de sobrevivência, amadurecimento”.

“Geralmente as pessoas com essa faixa etária de idade gostam muito deste tipo de desenho. É uma identificação explícita, completamente notável. Assim como os adolescentes se identificam com desenhos mais coloridos e chamativos, os mais velhos procuram desenhos que refletem uma fase mais madura da vida. Animais como a águia, predadores, identificam pessoas guerreiras, persistentes”. (Wesley Snipes).

Figura 4



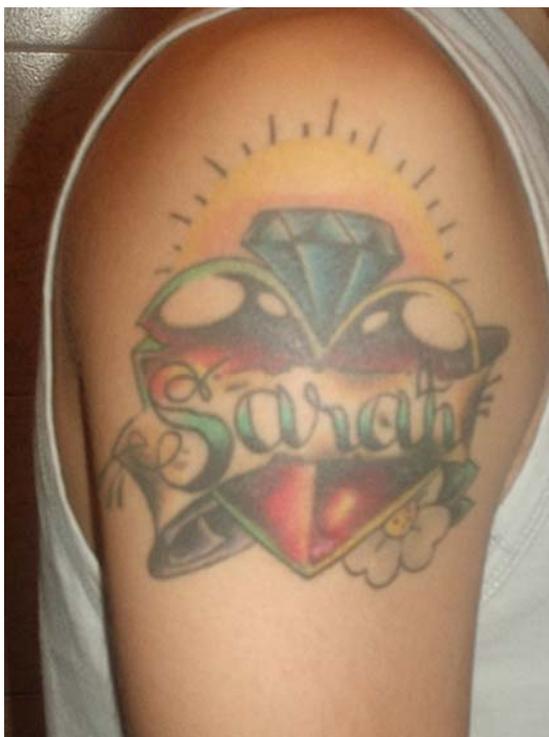
Nome: Lídia Gomes.

Idade: 23 anos.

“Gosto muito de flores, principalmente a flor de lótus, mas quando foi para escolher o desenho pedi para o tatuador que fizesse algo diferente. A princípio não teve nenhum motivo específico para a escolha de uma flor. É só porque eu gosto mesmo. Outras tatuagens que tenho foram feitas com base em significados, como a cruz da vida, em que algumas pessoas dizem que quando duas pessoas chegam ao orgasmo juntas terão vida eterna. Tenho também a frase “amigas para sempre”, em letra celta. Fizemos eu e mais três amigas a mesma tatuagem. O bom é que não dá para entender, funciona como um código. Mas apesar de tudo a minha tattoo preferida é esta flor. É um símbolo que gosto muito”.

Segundo o tatuador Rafael, as mulheres se identificam com as flores. “A flor, independente de qual seja, mostra a feminilidade da mulher. É delicada, frágil e chama atenção por sua beleza. O fato de tatuar uma flor mostra que ela se iguala a todas as outras mulheres nesse sentido. Por mais que o desenho dela seja único, a representação da imagem é a mesma, independente do tipo de flor”.

Figura 5



Nome: Felipe Cunha.

Idade: 21 anos.

“Sempre gostei desse estilo de tatuagem, New School, daí quando minha filha Sarah nasceu, resolvi juntar a vontade de fazer uma tattoo com o amor que tinha por ela e transformar em algo simbólico, no qual todos pudessem ver. O nome dentro do coração é exatamente o amor que tenho por ela. O diamante quer dizer que ela é uma jóia rara, e o sol por trás de tudo, que ela ilumina minha vida”.

“A vontade que as pessoas têm de fazer tatuagem é justamente pelo fato de se tornarem diferentes das outras. Quando ele optou por fazer o tipo New School ele já definiu seu estilo pessoal, assim como quem escolhe um modelo de roupa ou sapato. Tem que ser algo que combine com você. Ninguém faz uma tatuagem com um desenho que não gosta. A moda desse tipo de tatuagem é o coração, e ele aproveitou a questão para introduzir o nome da filha e mostrar aos outros um sentimento por essa pessoa”. (Wesley Snipes).

Figura 6



Nome: Denny Andrade.

Idade: 25 anos.

“Apesar de não ser uma pessoa religiosa creio em Deus. Decidi fazer essa tatuagem como forma de agradecimento por tudo de bom que tem acontecido em minha vida. Estou ciente de que nem tudo na vida são flores, mas enquanto eu puder agradecer os fatos bons, vou fazer”.

“Pessoas que tem tatuados desenhos religiosos ou frases como esta sofrem menos preconceito, pois dão a entender que são religiosas e, conseqüentemente, bondosas. Mas só quando a tatuagem é bem feita, porque o que mais há é criminoso com tatuagem de Nossa Senhora Aparecida, Jesus etc. E quanto mais mal feita é a tatuagem, maior é o preconceito”. (Rafael).

Figura 7



Nome: Rodrigo Corrêa.

Idade: 27 anos.

“Escolhi o palhaço porque ele se parece comigo. Não só fisicamente, mas no jeito. Acho que o palhaço traz alegria para quem está à sua volta, e eu sou um pouco assim também, sempre gosto de fazer as pessoas sorrirem. É um ser que transmite alegria”.

Para Wesley Snipes nem todo desenho mostra exatamente o que a pessoa quer expressar através dele. “A intenção dele foi boa, mas o desenho não parece ser muito alegre. Palhaço alegre é aquele com nariz redondo e cara de ingênuo. Este lembra muito mais um bobo da corte, ou o curinga do filme Batman. Talvez, por trás de uma alegria haja um sarcasmo, mas como quem enxerga a imagem não enxerga o significado, posso estar equivocado”.

Figura 8



Nome: Anderson Ferreira.

Idade: 28 anos.

“Minha família por parte de mãe é japonesa, só que meu pai adotivo não deixou me registrarem com o sobrenome do meu avô, que é Dozono. Tenho traços orientais e sempre admirei a cultura japonesa, mas por conflito familiar não herdei o sobrenome que tanto gosto. Resolvi fazer um dragão, que significa força e vitalidade, com o sobrenome do meu avô, em letras japonesas, entrelaçando o dragão. Foi uma forma de me sentir realizado, como quem realmente pertencesse à família Dozono”.

“Ele só passou a se sentir pertencente aquela determinada família quando marcou em seu corpo um registro daquele grupo. É como se a identidade oriental dele dependesse de um determinado fator, antes omissa, e agora visível a todos”.
(Rafael).

4. Conclusão

É possível analisar que as culturas estabelecem o comportamento social, que variam conforme o passar do tempo. Apesar de ainda existir preconceito, a tatuagem vem adquirindo cada vez mais adeptos em todas as partes do mundo e conquistando todas as “tribos”.

Os significados das tatuagens também variam conforme a região e os costumes de cada sociedade, que podem agregar novos valores a determinados desenhos e estilos de tatuagem.

Sinônimo de identidade, a tatuagem pode mostrar a personalidade do indivíduo, mesmo que o desenho tenha sido escolhido de forma inconsciente. Em todos os casos, a pessoa tatuada transmite uma mensagem, que nem sempre é interpretada de modo positivo.

Sinal de modismo, os desenhos ganham força em determinadas épocas, definindo assim um gosto pessoal do portador da imagem.

5. Referências Bibliográficas

ARAUJO, Leusa. Tatuagem, piercings e outras mensagens do corpo. São Paulo: COSAC & NAIFY EDIÇÕES LTDA, 2006.

GOFFMAN, Erving. Estigma: Notas sobre a manipulação da Identidade Deteriorada. 4ª Edição. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1988.

GOLDENBERG, Mirian, RAMOS, Marcelo Silva. A civilização das formas: O corpo como valor. *In* Goldenberg, Mirian. (org). Nu & vestido. Dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca. MEDINA, Marjorie B.de (trad.) Rio de Janeiro/ São Paulo: Ed. Record, 2002, (p.19-40).

MAFFESOLI, Michel. No fundo das aparências. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

LEITÃO, Debora.Krischke. Transgressão e Domesticação: a tatuagem contemporânea como ritualização das aparências. *In*: Cadernos do CEOM. Centro de Memória do Oeste de Santa Catarina, Unochapecó, 2003.

LEITÃO, Debora.Krischke. Corpos Ilustrados: tatuagem e autonomia sobre anatomia. Encontro Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais, Caxambu, 2003.

LE BRETON, A. O Corpo Acessório. *In* Adeus ao Corpo: antropologia e sociedade. Campinas: Papirus, 2003, (p. 27-54).

LELOUP, Jean-Yves. O corpo e seus símbolos: Uma antropologia essencial. 10ª Edição. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.

PEIRCE, Charles Sanders. Semiótica. 3ª Edição. Editora Perspectiva, 2000.

PIRES, Beatriz Ferreira. O corpo como suporte da arte: piercing, implante, escarificação, tatuagem. São Paulo, Editora Senac São Paulo, 2005.

RIO, João do. Os tatuadores. *In*: Rio, João do, A alma encantadora das ruas. Coleção: Retratos do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

SANTAELLA, Lucia. Corpo e comunicação sintoma da cultura. São Paulo: Paulus, 2004.

SILVA, Dinorá Fraga da, VIEIRA, Renato. Ciências cognitivas em semiótica e comunicação. São Leopoldo: USINOS, 1999.

VARELLA, Antonio Drauzio. Estação Carandiru. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

VILLAÇA, Nízia, GÔES, Fred, KOSOVSKI, Éster. Que corpo é esse?: Novas perspectivas. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

5.1 Referências Eletrônicas

-<http://www.terra.com.br/jovem/especiais/tatuagem/historia.htm>
(último acesso em 01.04.2007)

-<http://whiplash.net/materias/tatuagens/000117.html>
(último acesso em 01.04.2007)

-http://www.dominiofeminino.com.br/artigos_tematicos/hps/tatuagem.htm
(último acesso em 01.04.2007)